A SENSATEZ DO MEDO NA FAVELA: reflexões sobre sociabilidades e poder.

Rodrigo Torquato da Silva[1]

Esse artigo visa discutir a problemática do medo, como elemento fundante nas relações entre os moradores de favelas que convivem cotidianamente com a possibilidade concreta de quebra das suas rotinas. O uso da força como estratégia de ação de alguns grupos (uma minoria dos moradores) na favela possibilita o desenvolvimento de um tipo de sociabilidade diferente daquela que permite a organização da rotina das pessoas que não moram em favelas.

Nesse sentido, a tese do professor Machado da Silva[2] sobre a *sociabilidade violenta* vai ao encontro do que tenho observado desde a mais tenra idade, como morador da Rocinha, e não só aprofunda a discussão sobre a violência urbana, mas também é justa com aqueles que, além de estarem submetidos a uma ordem de sociabilidade terrível, ainda são vistos e representados como coniventes. Entendo que a busca por um reconhecimento moral, seja por um emprego formal ou pela incorporação dos valores, dos comportamentos e dos hábitos de consumo das classes médias, faz parte do que está em questão, mas não serve para explicar a sociabilidade violenta na favela.

Faz-se necessário compreender que tanto os moradores das favelas quanto, por exemplo, os professores das escolas públicas das adjacências das favelas estão marcados pelo medo. Medo de ameaça física, do crime contra a pessoa. As pessoas têm medo de morrer, de perder seus patrimônios na favela. O medo não é simplesmente uma produção do imaginário ou uma produção da mídia. O medo é concreto. É sensato ter medo. Só quem não se encontra nos padrões e nas condições psíquicas ditas normais, não tem medo. Concordo que, realmente, a mídia amplifica muito as coisas, mas o medo da *sociabilidade violenta* é o medo de morrer, de perder seus pertences, o abrigo, a própria rotina. De perder o mais básico: o "canto" de dormir, a garantia de tomar o café, almoçar, jantar etc. O medo, hoje, tanto entre os moradores da favela, quanto entre os moradores das classes médias, está em cima da imprevisibilidade na organização da rotina cotidiana. Saímos de casa e temos menos garantias de retorno do que há vinte

---

[1] Rodrigo Torquato é morador da Rocinha, Professor do Ensino Fundamental na Rede Municipal de Niterói. E aluno do curso de Pós-Graduação em Orientação Educacional e Pedagógica. Email: torquatoprof@ig.com.br

[2] Professor e pesquisador de Sociologia Urbana na UFRJ e no IUPERJ.

anos atrás. Entretanto, penso que há uma diferença na intensidade dos medos entre os que moram nas favelas e as classes médias, visto que a possibilidade de quebra das rotinas cotidianas, pela violência, torna mais imprevisível a organização da rotina cotidiana dos moradores da favela.

Segundo Machado, na favela há duas ordens sociais contíguas: a sociabilidade violenta, e, uma outra, que poderia ser denominada, só à guisa de reflexão, como sociabilidade "citadina". Aquela que é comum a todos os moradores da cidade, mesmo dentro das divisões de classes. Ainda segundo o autor, a ordem na favela é organizada numa previsibilidade da força, da criminalidade violenta. Nesse sentido, não há uma banalização ou uma naturalização da violência, como sustentam alguns. Pelo contrário, há uma luta diária pela organização da rotina, numa situação-limite de contato com a imprevisibilidade e o medo da violência. As pessoas estão o tempo todo pensando e tentando organizar as suas rotinas, mesmo com a imprevisibilidade e o medo da violência física, e a previsibilidade da força violenta. Os jornais, muitas vezes, apresentam as imagens da violência na favela sugerindo uma naturalização. Um exemplo foi a circulação de uma fotografia, divulgada nas manchetes de vários jornais do Rio de Janeiro, que trazia a imagem de uma cena, na qual um suposto bandido, sendo carregado por um morador dentro de um carrinho de obras, transitava por entre as pessoas que estavam indo para o trabalho, para a escola e, aparentemente, naturalizavam aquela situação. Penso que o fato de cenas como essa serem parte do cotidiano de quem mora ali, não significa uma naturalização. Essa rotina violenta, não produz a banalização, mas, dor, problemas psíquicos, medo, etc.. A narrativa imagética jornalística, neste caso, desloca a imagem do medo, do sofrimento e da angústia dos moradores para a imagem da naturalização.

Admito, portanto, ser possível perceber que há uma relação, não sistemática, mas constante, entre aqueles moradores "do bem", que precisam se locomover por entre os becos e vielas, por entre as pessoas que ali dividem e fazem uso do espaço, entram e saem todos os dias na favela, para trabalhar, estudar, ir ao médico, enfim, viver cotidianamente suas rotinas. Isso não quer dizer que há conivências, mas convivências com sociabilidades, entre as quais, aquela que exerce um tipo de prática social despótica.